

Nota do Director

Rogério Roque Amaro

A crise económica e financeira, supostamente desencadeada em 2008 no contexto do descalabro do mercado dos valores mobiliários e consequentes dificuldades e brechas nos sistemas bancário e financeiro, surge como um «pano de fundo» constrangedor e omnipresente para as sociedades actuais, sendo apontado como o principal, senão mesmo decisivo, factor condicionante das dificuldades económicas e sociais que nelas se verificam.

Contudo, o seu entendimento e compreensão está longe de ser consensual, havendo interpretações que a situam num quadro explicativo mais amplo e estrutural e... previsível (ver, por exemplo, o artigo de José Manuel Henriques neste número).

Nesse sentido, a crise poderá ter origens mais remotas (provavelmente desde os anos 60, quiçá com uma manifestação já visível no Maio de 1968 em França) e características mais profundas, sendo a crise económica e financeira dos últimos 2/3 anos, uma das suas expressões mais recentes.

É objectivo (editorial) desta Revista tentar (também) contribuir para a análise e explicação destes processos de crise, mais recentes ou mais longínquos, bem como para a elucidação do papel da Economia Solidária neles ou face a eles.

Daí a opção (editorial) por se privilegiar, nestes próximos números, o enfoque nas relações entre a crise e a Economia Solidária, sem prejuízo de mobilizar outras abordagens actuais e pertinentes.

Foi com esse objectivo que foi designado o Prof. Jordi Estivill, membro da Comissão Científica e do Conselho Editorial da Revista de Economia Solidária, para coordenar este número, centrado na problemática da crise, embora admitindo outras análises.

É, neste quadro, que se juntam, neste número, contribuições de quatro autores, provenientes de três zonas geográficas (América do Sul, América do Norte e Europa), ilustrando a preocupação de se dar expressão a uma lógica de abordagens diversificadas científica e culturalmente.

No artigo de José Luís Coraggio, procura-se reflectir o papel da Economia Social e Solidária nos processos de integração da América Latina, no quadro dos caminhos que as economias alternativas têm aberto nesse subcontinente.

A contribuição de Jordi Garcia, por seu turno, analisa os desafios e as respostas da Economia Solidária face à crise actual, tendo em conta a sua evolução histórica e as propostas e esperanças que tem aberto.

No texto de Fred Magdof, liga-se a crise actual a outra crise, de uma amplitude temporal e geográfica desde início maior, que é a dos alimentos, à escala mundial, tratando-se de uma questão que põe em risco direitos fundamentais de dignidade e sobrevivência humana.

Por último, José Manuel Henriques, propõe uma reflexão sobre o conceito de «Integração Económica», no contexto da crise actual e do papel da Economia Social e Solidária, tendo como referência a Acção contra a Pobreza, como um dos objectivos prioritários das sociedades contemporâneas, tendo particularmente em conta as experiências e os ensinamentos que os projectos da Iniciativa Comunitária EQUAL possibilitaram.

Como foi, desde início, intenção (editorial) desta Revista, publica-se ainda, sobre a forma de artigo, um dos trabalhos de mestrado, seleccionados para este efeito, valorizando, deste modo, o esforço de investigação que, nesse quadro, é desenvolvido por mestrandos(as) ou doutorandos(as), de várias instituições académicas, onde se promovam e enquadrem trabalhos científicos nos domínios cobertos por esta Revista. Neste caso, trata-se de um trabalho realizado pelo mestrando (Mário Montez) de Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais (ISCTE-IUL), sobre os mercados solidários, sendo a responsabilidade da sua selecção do responsável deste número (Jordi Estivill) e do director da Revista (e que assina esta nota editorial).

Além destes cinco artigos, este número inclui uma nota de leitura, da responsabilidade do seu coordenador (Jordi Estivill), sobre o livro «Maneiras cooperativas de pensar e agir—contributo para uma História do Cooperativismo em Portugal», da autoria do cooperativista português, Hipólito Santos.

Esperamos, com este número, enriquecer o debate sobre a crise actual e sobre os caminhos que a Economia Solidária vem propondo, esclarecendo que ela não deve ser vista apenas como uma resposta à crise, face às falhas do mercado (causadoras da crise) e do Estado (acentuadoras ou não resolutivas da crise), mas antes como uma reconfiguração do «económico» e do papel da Economia e da Ciência Económica («Economics») na viragem para o século XXI, que vale por si própria, e não como compensação das falhas das outras duas lógicas económicas.